Introdução

Isabelle Marinone

"Anarquia. Atravesse o espelho, e a vida não será mais um sonho. Pois 'anarquia' é a ordem. Outro mundo no próprio mundo", escreve Roger Boussinot, em 1982, na apresentação de sua obra *Les mots de l'anarchie* [*As palavras da anarquia*]. O historiador do cinema sente – do outro lado do espelho "negro" – essa filosofia defendida pelo surrealista André Breton.[12] Não se trata dessa ideia desprezada, refletida pelas palavras distorcidas da sociedade, mas de um pensamento por trás da tela, a película negra, cujo positivo projetado revela a imagem de um mundo harmonioso e emancipador.

> A realidade das coisas é sempre surpreendente para quem sai do sonho, quer dizer, da mentira, desse universo em que vivemos, que só conhecemos por meio de imagens de nós mesmos e da sociedade refletida pelos milhares de espelhos de palavras formadoras e deformadoras. Atravesse o espelho e estarás ao ar livre, no mundo real. Serás revolucionário e revolucionado, liberado do encantamento maléfico desse palácio – palácio, não: mansarda, (...) dessa imunda barraca de feira, dessa selva organizada onde "a força se sobressai ao direito", onde "a lei do mais forte é sempre a melhor", desse labirinto de espelhos enganosos (...). Burgueses e marxistas, políticos e politiqueiros – todos devotos da autoridade, do poder, do Esta-

do, da hierarquia, da disciplina, de sua ordem egoísta, interessada, partidária, monopolista, centralizadora, vampiresca – rivalizam e usam a violência, a energia, artifícios de toda ordem, inclusive as palavras, com o propósito de nos manter desse lado do espelho, do lado mentiroso onde 'Anarquia' significa exatamente o inverso do que ela é de fato. Todos lhe atribuem sinônimos – desordem, caos, violência, arbítrio – que são não somente insultos a sua lógica e verdade mas também a caracterização precisa do que eles representam, seus próprios vícios, aos olhos da anarquia.[13]

Como salienta Boussinot, a deformação recorrente dessa filosofia advém do desconhecimento profundo de sua prática na história e de seus fundamentos teóricos.

Antigos vestígios

O termo *anarkhia* surge historicamente na *Ilíada*, de Homero, e na *História*, de Heródoto, entendido no sentido de ausência de comando.[14] Vestígios dessa corrente são perceptíveis anteriormente em alguns filósofos gregos. De Pitacos aos Estóicos Stilpon e Zenão, um comportamento libertário é assumido. Desprezam-se as riquezas e preconiza-se uma vida próxima da natureza. Antístenes, fundador dos Cínicos e mestre de Diógenes, declara para quem quiser ouvir: "Nem deuses, nem mestres"! Os Cínicos pregam a virtude como o bem supremo do mundo. Considerando-se a si próprios como cães, eles sentem-se em casa em qualquer lugar e não admitem nenhuma lei.[15] Segundo o anarquista individualista Han Ryner e o sociólogo libertário Augustin Hamon, os primeiros cristãos também possuíam princípios antiautoritários.

Na Idade Média, as comunas livres esboçam modos de vida próximos do Anarquismo, notadamente alguns movimentos heréticos do ponto de vista gnóstico,[16] como os Bogomilos, os Cátaros ou os Dolcinianos, que percorrem a Europa entre os séculos X e XIII. Mais tarde, no século XIV, a Inglaterra conhece as revoltas camponesas de John Ball, Wat Tyler e os Lollardos. Relacionadas com o movimento de reforma religiosa de Wiclef, dirigido contra os Lords e o Estado, essas revoltas evocam de alguma forma uma ação libertária. Na Boêmia, o futuro mártir Jean Huss prega a reforma contra a Igreja Católica e os proprietários feudais. Na Holanda, os irmãos Moraves. Na Alemanha ocidental e na Suíça, os anabatistas procuram transformar o regime social por meio da prática do comunismo libertário. Enquanto na França La Boétie declara em seu *Discurso sobre a servidão voluntária*: "Decida-se a não servir mais e serás livre."

Em plena Reforma, as ideias de transformação social, livre pensamento e livre arbítrio nascem e se espalham por todos os cantos. As ciências se desenvolvem sob o impulso de diversas personalidades, como Bacon, Rabelais, Copérnico, Bruno, Galileu, Grocio, e ameaçam as ideias do velho mundo. Esses cientistas e filósofos prefiguram as ideias dos enciclopedistas renovadores do século XVIII. Jean-Jacques

Rousseau declara que "a liberdade não está em nenhuma forma de governo, está no coração do homem livre". Enquanto Diderot escreve que a "natureza não fez nem servidores nem mestres" e que não quer "dar nem receber ordens".

Um contemporâneo inglês de nome William Godwin lança os primeiros grandes princípios libertários. É considerado por Pierre Kropótkin o primeiro teórico do socialismo sem governo. Após a Revolução Francesa, nasce o movimento dos Enragés [enraivecidos], precursores dos anarquistas modernos. Enfim, as revoluções populares de 1830, 1848 e 1871 contribuem, junto com a formação da Primeira Internacional, para o surgimento do sindicalismo e das primeiras teorias dessa filosofia, do chamado Anarquismo "histórico". Este começa oficialmente com Pierre-Joseph Proudhon, cinquenta e cinco anos antes do cinema.

> Quanto à anarquia, (...) eu quis, com essa palavra, marcar o termo extremo do progresso político. A anarquia é, se assim posso me expressar, uma forma de governo ou constituição, na qual a consciência pública e privada, formada pelo desenvolvimento da ciência e do direito, é suficiente para a manutenção da ordem e da garantia de todas as liberdades. Por consequência, o princípio de autoridade, as instituições policiais, os meios de prevenção ou repressão (...) são reduzidos a sua expressão mais simples, à mais forte razão, em que as formas monárquicas e a alta centralização desaparecem, sendo substituídas pelas instituições federativas e os costumes comunais (...). É evidente que com o desaparecimento das formas de repressão estaremos em plena liberdade ou anarquia. A lei social se cumprirá por si só, sem vigilância nem comando, pela espontaneidade universal.
> (Carta de 20 de agosto de 1864)

Proudhon, como seus sucessores Mikhail Bakunin e Pierre Kropótkin, defende diversos princípios: o antiautoritarismo, o antimilitarismo, o anticlericalismo, a valorização do conceito de liberdade,[17] a renúncia aos poderes de todo tipo, principalmente os do Estado,[18] o abandono da noção de propriedade privada[19] e o desenvolvimento da educação.

Uma questão de definição

É interessante verificar a evolução temporal das definições dadas pelos dicionários. O da Academia Francesa, de 1694, estabelece que a "Anarquia" é "um estado sem regras, sem chefe e sem nenhum tipo de governo", e a Enciclopédia de 1751 acrescenta que "é uma desordem no Estado, que faz com que ninguém tenha autoridade para comandar e fazer valer as leis e, por consequência, o povo se comporta como quer, sem subordinação e sem polícia." Para o Littré de 1885, o qualificativo indica uma "ausência de governo, desordem e confusão".

É preciso aguardar o Grande Dicionário Universal de Pierre Larousse (1866) para se ter uma definição mais precisa, que se apoia na citação de Pierre-Joseph Proudhon: "Assim como o homem busca a justiça na igualdade, a sociedade busca a ordem na anarquia". Pouco depois, temos o comentário: "Proudhon deu o nome, aparentemente paradoxal, de *an-arquia* a uma teoria social que se baseia na ideia de contrato, substituindo a ideia de autoridade. Sob esse nome, o célebre pensador apresenta uma organização da sociedade em que a política é absorvida na economia social, e o governo na administração, e que a justiça comutativa se estende a todos os fatos sociais e, produzindo todas suas consequências, realiza a ordem pela liberdade e substitui completamente o regime feudal, governamental, militar, expressão da justiça distributiva." Pierre Larousse, porém, retoma as antigas acepções do termo ao propor antônimos de "anarquia", como "ordem, paz ou tranquilidade pública", diferentemente do que se poderia esperar com "Estado, poder político, autoridade."

Lembremos que a Enciclopédia Britânica, na sua edição de 1910, permitiu que Pierre Kropótkin redigisse o verbete "Anarquismo": "Nome dado ao princípio ou teoria da vida e da conduta, segundo os quais a sociedade é pensada sem governo." Kropótkin explica que "os anarquistas consideram o sistema salarial e a produção capitalista como obstáculos ao progresso. Mas também chamam atenção para o Estado, que foi e continua a ser o principal instrumento em favor da monopolização da terra por uma minoria e em favor dos capitalistas, que se apropriam de maneira desproporcional do excedente acumulado durante a produção."

Após a exposição desses fundamentos políticos, os dicionários posteriores, como o Petit Robert (1970), se conformam com a significação tradicional de "desordem resultante da ausência ou carência de autoridade", e entendem o "Anarquismo" como uma "concepção política que busca suprimir o Estado, eliminar da sociedade todo o poder que constrange o indivíduo."

Tida então como consequência de uma deficiência do poder estatal, a anarquia é tomada como um desregramento. Essa definição ideológica cria uma relação de causalidade entre ausência de governo e caos. Relação contrária ao Anarquismo, que vê na sociedade sem poder político institucionalizado "a mais alta expressão da ordem".

Na época do nascimento dessa corrente no seio da I Internacional, Bakunin redige um texto com o título *Étatisme et Anarchie* [Estatismo e Anarquia] (1873), em que afirma que o "povo só pode ser feliz e livre quando se organizar de baixo para cima, por meio de associações autônomas e totalmente livres. O povo criará sua própria vida fora de qualquer tutela oficial, mas de forma alguma isento de influências diversas e livres numa igual medida de individualidades e de posições." Ele evidencia que "todo poder de Estado, todo governo, estabelecido por sua natureza e posição fora ou acima do povo, deve se esforçar necessariamente para submeter esse último a regras e objetivos que lhe são estranhos". Com isso, Bakunin se declara

aliado aos "inimigos de todo poder de Estado, de todo governo, inimigos do sistema estatal em geral". Termina concluindo que "essas são as convicções revolucionário-socialistas, e é por isso que somos chamados de anarquistas. Não protestamos contra esse epíteto, já que somos inimigos de toda autoridade, pois sabemos que esta exerce o mesmo efeito perverso sobre aqueles que são favoráveis a ela, assim como sobre aqueles que a ela se submetem. Sob sua ação deletéria, os primeiros tornam-se déspotas ambiciosos e ávidos, exploradores da sociedade com intenções em favor pessoal ou de casta, enquanto os segundos se transformam em escravos".

Mais de um século depois, apesar dos escritos de Bakunin e do conjunto de declarações de outros teóricos do Anarquismo, as definições que essa filosofia política desenvolveu com precisão permanecem com frequência ausentes das Histórias oficiais. As narrativas preferem selecionar os acontecimentos trágicos e explosivos dos anos 1890, mais do que os engajamentos sociais na França, desde a Comuna de Paris, que se desenvolvem por meio das Bolsas do Trabalho e do Sindicalismo, das Universidades Populares, das lutas em favor dos mais pobres, do combate em prol da contracepção, da emancipação das mulheres e dos homens, respeitando seu meio e sua natureza. Poucos são aqueles que reconhecem na anarquia a possibilidade de um regime social baseado na liberdade individual e coletiva, no qual toda forma institucionalizada de coerção e poder de dominação seja abolida. Raros também são aqueles que sabem – ou se lembram – que o Socialismo tem suas raízes em solo libertário, quando ainda era substituído pelos termos "revolucionário" e "utópico". Como observa Léo Campion, "socialista e revolucionário foi há muito tempo um pleonasmo antes de se tornar... um paradoxo".[20]

A anarquia foi edulcorada sob a denominação "libertário" a partir dos anos de 1920. Ao selecionar apenas uma parte da definição, há quem se encontre exclusivamente na liberdade absoluta e individual do "libertário", fazendo a palavra deslizar para uma concepção liberal amena, destacada de todo pensamento social preciso. Desprovido do sentido sulfuroso, o termo "anarquista", criado por Joseph Déjacque (1857), passa a ser usado pela imprensa e reivindicado nos salões. O afastamento progressivo do sentido permite que o filósofo e sociólogo Michel Clouscard[21] introduza, em 1973, a expressão sintética e pejorativa "liberal-libertário", para qualificar e descreditar o conjunto das correntes de extrema esquerda surgidas no movimento de maio de 68. Face a esse libertário leniente, o "anarquista" aparece cada vez mais violento aos olhos da sociedade.

O anarquista, uma imagem imutável

Após o final do século XIX, a figura do anarquista é inscrita na representação do "colocador de bombas", sem fé nem lei. Essa caricatura inspirada na propaganda pelo fato,[22] destinada a assombrar o burguês, foi projetada sobre o conjunto de partidários dessa teoria política, considerada pelos governantes como uma provo-

cação. Ao compreender assim o anarquista, a sociedade prefere reter dos libertários a efígie perigosa e desesperada do terrorista.

A imprensa e a indústria cinematográfica reafirmam a imagem depreciativa. Se os filmes não fazem parte das iniciativas pedagógicas de um Sébastien Faure ou de um Francisco Ferrer, se os filmes não se interessam pelos diversos movimentos de greve dos anarco-sindicalistas, em contraposição, a câmera é acionada para registrar cenas impressionantes, como *L'attentat anarchiste de la rue Montagne Sainte-Walburge* [O atentado anarquista da rua Montagne Sainte-Walburge], do operador dos Lumière Etienne Thévenon (1904). E quando o cinema não possui os documentos realiza reconstituições, como a do *L'asssassinat du Ministre Plehve (du grand'duc Serge)* [O assassinato do Ministro Plehve (grão-duque Serge)], produzido pela Pathé (1904), ou ainda *Un attentat anarchiste* [Um atentado anarquista], apresentado pela Éclair (1912). A temática se esgota no começo dos anos 1910, mas é retomada em 1913 graças aos roubos do Bando Bonnot e à abertura do processo dos bandidos trágicos.[23] As atualidades cinematográficas do Éclair-Journal acompanham o caso e realizam no mesmo ano, nos estúdios da empresa, uma reconstituição romanceada dos fatos por Victorin Jasset, com o título *Les bandits en automobile* [Os bandidos de automóvel]. O Bando Bonnot vende bastante. Assassinatos, investigações, suspense, todos os ingredientes estão presentes para satisfazer o gosto do público, e a receita continua cinquenta anos depois com *Les anarchistes* [Os anarquistas] (ou *La bande à Bonnot* [O bando Bonnot]), de Philippe Fourastié (1968), e os trinta e seis episódios das *Brigades du Tigre* [Brigadas do Tigre], feitos para a televisão francesa por Victor Vicas (1974) e que receberam uma recente adaptação cinematográfica (2006).

O motivo do anarquista terrorista é recorrente nos filmes de ficção do cinema das primeiras décadas do século XX. *L'anarchiste* [O anarquista], de Lucien Nonguet, rivaliza com a produção de mesmo título produzida por Ferdinand Zecca para a Pathé (1906). Segundo Georges Sadoul, Zecca se inspirou no curta-metragem inglês de Robert William Paul, *Goaded to Anarchy* [Impelido à anarquia].[24] Assim como *La fille de l'anarchiste* [A filha do anarquista], produzido pela empresa Le Lion, é um *remake* de *Daughter of an anarchist* (1909). Após 1906, o tema surge de diversas maneiras, e mesmo quando não se fala diretamente do "anarquista", ele é evocado, como em *Le Nihiliste* [O niilista] (1906), ou em *Le meneur* [O agitador] (Pathé, 1909). O filme *L'attentat* [O atentado] confirma essa disposição, cuja história é assim resumida nas "Nouveautés" do jornal *Filma*, em 8 de junho de 1908:

> O empregado de um engenheiro é surpreendido roubando os planos de uma nova máquina. Despedido, ele se enfurece. Num bar, um anarquista ouve suas reclamações e oferece uma bomba para sua vingança. À noite, o engenheiro e sua mulher não se encontram em casa. O empregado chega, entra no apartamento e coloca a bomba no leito da filha do casal que, despertada pelo barulho dos passos do assassino, passa a brincar com o instrumento homicida. Mas o crime terá punição: os pais retornam com o cachorro, que salta na garganta do vilão e retira a menina do quarto. A bomba só explode quando a casa fica vazia, matando somente o criminoso.

Os franceses, os ingleses e, em seguida, os americanos exploram o mesmo filão. Os ingleses com *Anarchy in England* [Anarquia na Inglaterra], de T.S. Gobbett (Precision Film Co., 1909) ou com *The anarchist's doom* [A sentença do anarquista], e os americanos com *The anarchist's wife* [A mulher do anarquista], de W. V. Ranous (Vitagraph, 1912) ou *The anarchist* [O anarquista], de Herbert Brenan (Imperial, 1913).[25] Na tela, o terrorista libertário oscila entre duas posições, a do agente trágico ou a do provocador ridículo. Visão que mudará muito pouco ao longo da história do cinema. Em 1968, Jean-Luc Godard retoma essa temática em *Week-end à francesa* e a leva até o absurdo, transformando o anarquista em um canibal. Dentro do espírito revolucionário da época, Jean-Pierre Mocky passa de *Solo* (1969) a *Pièges à cons* (1979) [Pega trouxa], trabalhando o motivo do anarquista como um herói simpático e sarcástico. O terrorista portador de uma ação dramática será sempre explorado em filmes como *Le funambule*, de Serge Poljinski (1973) [O equilibrista].

Algumas vezes o cinema faz convergir o tema trágico para a comédia. Na Inglaterra, o filme *The Anarchist and his dog* [O anarquista e seu cachorro], de A. Melbourne-Cooper (Alpha Trading Co., 1907), coloca em cena um terrorista que lança sua bomba, mas seu cachorro a traz de volta sistematicamente. Na França, os filmes cômicos também fazem parte da caricatura burlesca, como *Anarchiste malgré lui* [Anarquista sem querer], produção da Pathé de 1911. O resumo do filme consta do catálogo da empresa. Ele dá o tom das produções da época sobre essa figura às vezes grotesca, às vezes perigosa:

> Duplanois, um burocrata inveterado, se encontra em Tripafouilly na casa de seu chefe Dupied. O empregado, com pretensões de elegância, compra um vistoso chapéu de seda. Diante de tanta ostentação, os colegas de Duplanois decidem lhe pregar uma peça. Informam o prefeito do vilarejo que um perigoso anarquista, com uma bomba em seu chapéu, está para chegar. Grande alvoroço. A polícia se concentra para capturar o malfeitor. O infeliz Duplanois, atacado e perseguido, não escapa da população furiosa que quer linchá-lo. Mas graças à intervenção providencial de seu chefe, tudo é esclarecido.

O quiproquó que confunde o pequeno burguês com o terrorista é um dos motivos cômicos mais frequentes, como, por exemplo, em *Casimir, Pétronille et l'Entente cordiale* [Casimir, Pétronille e o acordo amigável], produzido pela Éclair em 1914. Os filmes se concentram muitas vezes em confusões generalizadas, mistu-

rando policiais, pessoas comuns e revolucionários. Em um gênero similar, a desorganização que junta terroristas e agentes secretos já fora explorada na literatura na obra de G.K. Chersterton, *The man who was Thursday* (1908). Setenta anos depois, esse enredo cômico, baseado na confusão de categorias e personagens, é atualizado em *La vengeance du serpent à plumes* [A vingança da serpente de plumas], de Gérard Oury.

Apesar desses exemplos, o cinema francês não se conformou com os clichês sobre o Anarquismo. Ao longo de sua história, aproximações ao ideal libertário foram feitas por realizadores, roteiristas e atores, produzindo assim enredos orientados, tratamentos formais particulares e até insólitos modos de produção.

Anarquia e cinema: uma aproximação singular

Em 1895, a anarquia está em seu apogeu, predominando em inúmeras reflexões sobre a sociedade e seduzindo intelectuais e artistas. Pintores, fotógrafos, escritores, de Pissaro a Signac, passando por Courbet, de Nadar a Mallarmé, passando por Mirbeau, todos possuem a marca da revolta libertária. O cinema, arte nascente e comercial, interessa muito pouco aos anarquistas da época, mais voltados para os teatros livres e para a literatura. Mesmo assim, desde o advento do cinematógrafo, os anarquistas e o cinema se frequentam indiretamente e, por meio de movimentos artísticos e de criadores, se ligarão cada vez mais durante o século XX.

Este trabalho salienta os pontos de convergência entre as histórias do Anarquismo e do cinema francês, por meio de personalidades (cineastas, atores etc.) com tendências anarquistas, ou, ao contrário, por meio de militantes libertários engajados no cinema. A totalidade desses elementos, que apresenta uma paisagem cronológica de 1895 até o início da década de 1930, faz surgir um largo panorama que delineia uma história global. A pesquisa não é exaustiva, mesmo se busca ser a mais completa possível. Sua posição se fixa nas personalidades ou nos movimentos artísticos mais emblemáticos tanto do anarquismo como da história oficial do cinema, assim como em figuras singulares, célebres ou não.

A mistura de estilos e gêneros cinematográficos, mas também de profissões do cinema e de personalidade, tudo é elevado ao plano "igualitário", com a intenção de evitar o julgamento de valor ("Grande arte" ou "Pequena arte"), que segundo Paul Veyne e Marc Bloch se mostra um verdadeiro inimigo da história. Servindo-se das análises de Marc Ferro, promovendo o abandono das fronteiras entre os diversos gêneros fílmicos, o estudo constitui-se pela investigação de personalidades e estilos cinematográficos bem diferentes uns dos outros, ligados unicamente pelo aspecto libertário.

O tema necessitava interrogar o cruzamento entre fontes escritas e depoimentos, textos sobre as produções e os próprios filmes, para que surgisse daí um arcabouço categorial apoiado na problemática da relação entre memória anarquista, pedagogia militante e criação fílmica. Como salienta Gaetano Manfredonia em *Les cultures*

politiques en France,[26] uma observação atenta do movimento libertário apresenta a heterogeneidade dos grupos colocados sob essa bandeira ideológica, tanto do ponto de vista de seus interesses como de seus comportamentos, valores e crenças compartilhados. Este estudo interroga as diversas correntes do Anarquismo, tendências como o coletivismo e o individualismo, passando até pelo reformismo. Com o propósito de encontrar o ponto de ancoragem dessa ideologia, seguiu-se o posicionamento de Manfredonia, e os comportamentos libertários foram considerados a partir de sistemas de referência ou de representações compartilhadas dessa cultura, comparados à análise exclusiva das correntes ideológicas.

Poucos estudos abordaram essa temática. Dois pequenos primeiros trabalhos foram realizados pelos ingleses Alan Lovell, em 1962, e John Ellerby, intitulados *Anarchist cinema* e *Anarchy in the film*, interessados, sobretudo, em cineastas como Jean Vigo e Georges Franju.[27] Foi preciso aguardar até 1980, quando o pesquisador Pietro Ferrua realizou um ensaio mais aprofundado sobre o tema, *Anarchists in the film*.[28] Por sua vez, o Centre Internacional de Recherches sur l'Anarchisme (Cira) catalogou os filmes que têm por objeto a representação do anarquismo em um pequeno livro de 1984. A imagem dos libertários na tela foi objeto de uma tese de doutorado (1999), *Film and the anarchist imagination*, realizada pelo americano Richard Porton.[29] Em 2004, foi publicado um segundo livro do Cira[30] que, como o primeiro, contabiliza certo número de filmes em que os anarquistas aparecem, caricaturados ou não. Com exceção de Lovell e Ellerby, esses estudos enfocam a representação dos libertários no cinema.

Cinema e anarquia: uma história "obscura" do cinema na França (1895-1935) propõe a montagem de dados históricos entrecortados por uma história narrativa. Desse ponto de vista, o trabalho se volta menos para uma história discursiva, do que para uma reconstituição a partir dos documentos.[31] A apresentação dos inúmeros textos publicados em jornais, livros, ou retirados de arquivos permite seguir a trama dessa história, em geral invisível[32], e que, assim como a própria ideia anarquista, ressurge periodicamente. A semelhança de certo número de dados tende a provar que esse cinema abre um caminho específico, por mais que tenha sido negligenciado.

As fontes documentais utilizadas são de ordem diversa. Os documentos em papel foram colhidos em sua maioria em obras publicadas, em jornais especializados ou na imprensa anarquista. Os dados cinematográficos foram essencialmente encontrados na Biblioteca Nacional da França (BNF), mas também nas coleções dos Archives du Film de Bois d'Arcy. Na BNF também foi consultado grande número de revistas, como *Photo-ciné-gazette*, *Ciné-Journal*, *Courrier cinématographique*, *Le Film*, *La cinématographie française*, *Cinégraphie*, *Cinéa-ciné pour tous*, *Ciné-schola*, *Ciné-Magazine*, *Ciné-Miroir*, *Ciné Monde*, *Mon ciné*, *La revue du cinéma*, *Comoedia* etc. Além disso, outros fundos foram consultados, principalmente o Fonds Painlevé, rua des Ternes em Paris, assim como o Fonds Man Ray no Musée d'Art Moderne.

As fontes propriamente sobre o Anarquismo foram encontradas no Cira de Lausanne e de Marselha e no Instituto de História Social de Amsterdã. Essas pesquisas foram completadas por outras na BNF e por uma consulta mais precisa na imprensa anarquista francesa, em particular os números de *Le Libertaire*, *La Guerre Sociale*, *Révolté*, *La Révolte*, *Temps Nouveaux*, *l'Art Social*, *l'Action d'Art*, *l'Anarchie*, *Journal du Peuple*, *l'Effort Libre*, *Bonnet Rouge*, *La Bataille Syndicaliste*, *La Vache Enragée* e na *Revue Anarchiste*. Além disso, a Bibliotèque du Grand Orient de France, o Office Universitaire de Recherche Socialiste (Ours), os Archives Jean Maitron do Centre de Recherche en Histoire Sociale forneceram informações suplementares sobre indivíduos particulares. Por sua vez, os Archives de la Police e da Prefeitura de Paris, o Centre d'Acceuil et de Recherche des Archives Nationales (Caran) e o Centre des Archives Contemporaines (CAC) proporcionaram um grande número de elementos sobre alguns libertários por meio de seus dossiês.

Quanto aos filmes, foram vistos em sua grande maioria na Cinemateca Francesa, nos Archives du Film de Bois d'Arcy, no Forum des Images, na Bibliothèque du Filme (Bifi), nos Archives Gaumont e na BNF.

1895-1921:

Das fronteiras incoerentes ao cinema educador